

## **Desvendando Caminhos do Turismo de Aventura no Brasil**

Luzia Neide Coriolano <sup>1</sup>

Elenildo Oliveira de Moraes <sup>2</sup>

### **Resumo**

O turismo de aventura fundamenta-se no lazer de natureza, na aventura e risco que exigem cuidados especiais. Diferencia-se dos esportes radicais ou ecoesportes, de profissionais. Os esportes são praticados sob condições de risco calculado, incluem manobras arrojadas e controladas que propiciam fortes emoções, enquanto o turismo de aventura são atividades de entretenimento de leigos, sem caráter competitivo, como nos esportes radicais. O texto apresenta analisa modalidades de turismo de aventura, exigências, normatizações, espaços apropriados e tece considerações teóricas pautadas em dados de pesquisa de campo, em Cumbuco, praia do Ceará onde é praticado o *Kitesurf*, por turistas que busca, aventura.

Palavras-chave: Turismo. Aventura. Risco. segurança.

### **ABSTRACT:**

The adventure tourism is based on environmental leisure or nature leisure involving adventure and risks, what requires some special precautions. It is different of extreme sports or eco-sport, practiced by professionals. Sports are practiced under calculated risk conditions, it includes controlled and dared maneuvers causing intense emotions to those who do it, while adventure tourism are adapted activities to the entertainment of laics and, specially, there is no competitive focus, like extreme sports. The text presents some different adventure tourism modalities, its requirements, norms, adequate spaces and shows some theoretical considerations concluded from data collected in field works in some important centers of Adventure Tourism in Brazil.

Key-words: Tourism. Adventure. Risk. Safety.

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual do Ceará. Coordenadora do Grupo de Estudo do CNPq, intitulado “Turismo, Território e Cultura”. Coordenadora do Laboratório de Estudos do Território e do Turismo – NETTUR. Endereço Eletrônico: luzianeidecoriolano@gmail.com

<sup>2</sup> Turismólogo, Gerente da Empresa MoraesTur Viagens & Turismo de Natal, Pesquisador do Turismo de Aventura no Rio Grande do Norte.

## Introdução

O turismo é importante atividade econômica dos tempos modernos, fonte de empregos e receitas para empresas públicas e privadas. É atividade que utiliza espaços geográficos, naturais ou produzidos. Nos últimos anos, surge o segmento de turismo - de *aventura*, distinto de esporte por não envolver competição, praticado em ambientes naturais, urbanos e em estruturas artificiais. Trata-se de passeio de emoções, às vezes, com riscos que precisam ser controlados, exige técnicas e equipamentos específicos, adoção de procedimentos para garantia da segurança pessoal e de terceiros e respeito ao patrimônio ambiental e sociocultural.

A motivação, "*adrenalina*" da viagem e aventura turística, implica risco previsível a que o praticante se expõe. Esse segmento desperta a atenção não só de turistas aventureiros, mas daquelas que estão interessados em investir no turismo, fazendo dele um negócio. De acordo com o Ministério do Turismo, o Turismo de Aventura, segmento de mercado, compreende movimento de turistas em espaços naturais ou urbanos, e o atrativo principal é a prática de atividades de aventura de caráter recreativo, em espaço natural ou rural, área protegida ou não.

O Turismo de Aventura distingue-se dos esportes radicais ou ecoesporte, praticado por profissionais. Segundo o Ministério dos Esportes (2005), os esportes praticam-se sob condições de risco calculado, incluem manobras arrojadas e controladas de fortes emoções. Diferentemente dos esportes praticados por esportistas profissionais, as vivências do turismo de aventura incluem atividades adaptadas ao entretenimento de leigos, especialmente sem caráter competitivo, como nos radicais. O turismo de aventura fundamenta-se em atividades de lazer com aventura, pressupondo a conservação ambiental dos espaços, naturais ou produzidos, propícios ao lazer que atrai turistas para viagem especial. Respeito às instituições promotoras, aos praticantes, ambientes ou geossistemas, na maioria de grande vulnerabilidade como: litorais, montanhas, rios, cachoeiras etc., é parte das preocupações de muitos promotores. A movimentação dos fluxos turísticos é decorrente da prática de atividades de aventura

de caráter recreativo, afirma Bruhns (2000 p. 25). É a busca por emoções em lugares inóspitos que torna o segmento atraente e emocionante.

O turismo de aventura é praticado amplamente em altas montanhas, e, para o montanhismo é alta a montanha, com altitude superior a quatro mil metros. Relaciona-se a ecoturismo, com especificidades e características mercadológicas próprias. Portanto, foi identificado como segmento distinto, embora relacionado a aquele. No ecoturismo, o turista curte a natureza de forma diferenciada, na busca de relação com a natureza, de interpretação ambiental, contemplação, sem adrenalina.

Hóspedes da natureza são turistas que, ao invés de ricos hotéis, buscam contato com ela, fogem do turismo de consumo e valorizam a natureza e as culturas das populações tradicionais. De acordo com Western (1993. p. 23), ecoturismo é uma “viagem responsável a áreas naturais, que preserva o meio ambiente e promove o bem estar da população local”. Satisfaz o desejo de estar em contato com a natureza, e de explorar o potencial natural atentando para a conservação ambiental e a não agressão. O interesse pelas atividades desperta a sensibilidade da opinião pública para temas ambientais, exigindo atitudes responsáveis no uso das áreas naturais. Muitas vezes o ecoturismo acontece associado ao turismo de aventura e outros segmentos, como o rural. Com relação aos aspectos negativos dos impactos do turismo no meio ambiente, Dias (2003, p.78) afirma que:

Esses impactos surgem com a alocação da infra-estrutura para o turismo, com o incorreto manejo dos resíduos gerados pela atividade, com as cicatrizes da paisagem geradas pelo crescimento da infra-estrutura nas áreas naturais e pelo volume de visitantes que afeta os ecossistemas mais frágeis.

Daí a necessidade de monitoramento de ambientes do patrimônio natural com estudos teóricos e técnicos para manutenção do equilíbrio ambiental. A franca expansão da atividade, algumas vezes de forma amadora, desavisada e inadequada, trás danos irreversíveis.

No tocante às normas do desenvolvimento do turismo de aventura, o Ministério do Turismo considera esse segmento um dos prioritários para o desenvolvimento do Sistema Brasileiro de Certificação em Turismo, pela necessidade de prevenir acidentes na realização da atividade. O tema é complexo e compreende atividades de risco, com incidência de bastantes perigos. Assim, as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT - são instrumentos de definição de políticas públicas e servem de referência para certificação de empresas e organizações de serviços. O MTur patrocina financeiramente o desenvolvimento e a publicação das normas, mas não é de sua competência desenvolvê-las. A expectativa é que a normatização contribua para prevenir acidentes e tornar o Brasil destino de turismo de aventura. Assim, as empresas desenvolvem projetos de Turismo de Aventura em atendimento às normas estabelecidas, como ocorre em alguns países.

O turismo de aventura acontece em ambientes urbanos e naturais, daí a importância de natureza conservada e espaços seguros. Sabe-se que a atividade turística no meio natural, causa impactos sobre ecossistemas, devido à necessidade de implementação de serviços, com instalação de infra-estruturas, equipamentos e alojamentos. A ocupação turística da natureza muitas vezes provoca desequilíbrios na bioecologia da região. Como o segmento turístico depende da natureza, há que se proteger ambientes naturais destinados a esse uso, para não destruir as possibilidades da oferta. A proliferação de construções para alojamentos, – hotéis, pousadas, camping, motéis, cafeterias, restaurantes, discotecas, piscinas, marinas e zonas comerciais muda a fisionomia do lugar, altera a paisagem e modifica simultaneamente a flora e a fauna.

O Código de Práticas de Operadoras de Ecoturismo e/ou de Turismo de Aventura relaciona aspectos que precisam ser respeitados, para proteção dos ecossistemas, o que é feito em países que reconhecem a conservação da natureza como condições básicas para o desenvolvimento do turismo de natureza. A prioridade para o consumo de produtos locais que beneficiem comunidades evitando o comércio de artefatos de espécies ameaçadas, não perturbação da vida selvagem, manutenção dos veículos nas rotas indicadas e obediência as regras e normas de uso de áreas naturais,

concordância com os padrões de segurança estabelecidos; segurança da verdade na publicidade e maximização da qualidade da experiência para hóspede e anfitrião.

A Pacific Asia Travel Association - PATA lança o código de viagens ambientalmente responsáveis, “The Green Leaf”, recomendando aos envolvidos com o turismo de natureza e de aventura obediência aos seguintes princípios (Bucley, 1997): adoção de práticas necessárias à conservação do ambiente; contribuição para conservação de habitat de flora ou fauna e de lugares natural ou cultural que possa ser afetado pelo turismo; asseguramento de atitudes das comunidades, dos valores culturais, e de costumes e crenças.

A pressão de ambientalistas exigindo selo de qualidade dos serviços turísticos requer a definição de componentes do serviço certificado tais como: local, segmento, regulamentação das atividades a serem praticadas, posturas éticas e comportamentos adequados ao ambiente usado. A questão torna-se relevante no mercado, em que muitos consumidores considerados “verdes” levam em consideração o compromisso da operadora com a conservação do meio-ambiente, na aquisição de serviço turístico.

### **Esportes de natureza e formas de aventura**

O turismo de aventura ascende no mercado turístico pela crescente busca de cidadãos ao contato com a natureza, além da valorização do elemento “ecológico” nas mercadorias. Contudo, por ser atividade nova, o segmento vem marcado de imprecisões no seu entendimento, ou seja, na venda de “pacotes” turísticos do segmento aventura, é possível encontrar viagens vendidas como ecoturismo, sem especificar que nele está embutida a aventura. Trilhas conduzem a espaço de aventura e, muitas vezes, o turista não é advertido. Faz-se necessário maior atenção a conceitos, que dão respaldo à operadora, ou rigor científico da atividade, evitando manipulações de conceito que levam o turista a sentir-se enganado.

As atividades de Turismo de Aventura mais praticadas no Brasil, segundo a ABETA: **Arvorismo**- locomoção por percursos em altura; em árvores ou estruturas de diferentes níveis de dificuldade. Com equipamentos de segurança específicos, a

atividade oferece possibilidade de percorrer circuito de habilidades em altura e integração com o meio ambiente em locais até então inatingíveis. Permite apreciação da fauna, flora e paisagem. Não há regulamentação. Encontram-se 110 locais de oferta de arvorismo no Brasil. Há empresas altamente profissionalizadas, com padrões de atendimento e segurança estabelecidos e consolidados, e também grande número de ofertantes ou de empresas que se arvoram nesse mercado. **Bungee jump** - salto de lugares altos, pontes, viadutos, helicópteros, guindastes, balões de ar quente ou plataformas metálicas, com corda elástica presa aos pés. **Caminhada de longo curso** - percursos a pé, em ambientes naturais, com pouca infra-estrutura, com diferentes graus de dificuldade, também chamadas de *hiking (curtas)* e *trekking (longas)*. Objetiva a superação de limites ou contemplação. Mochila às costas, com o equipamento, e geralmente, com a própria comida. A caminhada conduz praticantes a locais desprovidos de vias de acesso, com belezas naturais e alguma dificuldade, pela topografia e obstáculos. Para chegar a esses ambientes, há que o praticante renunciar a certos confortos urbanos e enfrentar condições climáticas, muitas vezes, adversas. É necessário conhecimento de orientação e navegação (bússolas e/ou mapas, GPS), planejamento de caminhada, adequação de horário de chegada a determinados pontos e controle de quilômetros percorridos diariamente. **Canionismo (e cachoeirismo)** - descida de cursos d'água, usualmente em cânions, sem embarcação, com transposição de obstáculos aquáticos ou verticais, podendo ser curso d'água intermitente. Na descida, o praticante transpõe cachoeiras, saltos, tobogãs e obstáculos naturais com diversas técnicas de exploração, rapel, flutuação, mergulho e saltos. É preciso bom condicionamento físico, haja vista a dificuldade e esforço necessário. É uma atividade de alto custo, o que limita a demanda. Essa prática consiste em seguir o percurso traçado em curso d'água, do início ao final, incluindo ou não descidas de cachoeiras. O cachoeirismo é apenas a descida de cascatas ou cachoeiras, sem percurso extenso. A distinção implica diferenças de equipamentos, habilidades e tempo de prática. **Cavalgada**- consiste em trajetos, passeios ou enduros a cavalo: marcha, que é a forma de menor impacto; galope, e uma caminhada lenta, em mata fechada. Há cavalgadas noturnas, ecológicas, de curta e longa duração, que incluem paradas para alimentação ou apreciação das belezas naturais. Predomina o amadorismo, apesar de existirem

prestadores de serviços profissionais, sobretudo haras rurais e urbanos. Os ofertantes têm a atividade, muitas vezes, como de responsabilidade do cavaleiro, sem o devido monitoramento das condições de segurança. Daí acidentes que podem ser fatais ou com danos irreversíveis, nas grandes quedas. **Cicloturismo**- atividade de turismo que tem como elemento principal os percursos de bicicleta. **Escalada**- atividade de prática individual ou em grupo: escalada de bloco (ou *boulder*) e de falésia (ou via), em ambientes naturais ou artificiais (paredes e muros especialmente equipados) livre quando somente com apoio natural (agarras e cristais) de rocha ou artificial, quando se utilizam equipamentos como apoio à progressão na via. **Espeleoturismo** - tem como elemento principal a atividades em caverna. Também denominado *caving* ou cavernismo, atinge lugares desconhecidos ou de difícil acesso. O turista é treinado com técnicas verticais e de mergulho em alguns casos. Equipamentos e iluminação especiais distinguem a atividade de outras em cavernas. **Observação da vida selvagem** - realizado em área natural para ver aves e mamíferos. A consciência ecológica com conseqüente preservação de áreas naturais, propicia o crescimento da atividade subdividida em observação de aves (*birdwatching* ou *birding*); observação de baleias e golfinhos (*whale watching*); observação de paisagens (*landscape watching*) e safari fotográfico. **Rapel**- técnica de descida em corda com equipamentos específicos, em cachoeiras, prédios, paredões, abismos, penhascos, pontes e declives, com a utilização de cadeirinhas de alpinismo, cordas, mosquetões, freios e, às vezes, roldanas. **Tirolesa** - realiza em cabo aéreo tensivo que liga dois pontos afastados na horizontal ou diagonal, em que o cliente desliza entre um ponto e outro. É um deslocamento rápido, com o auxílio obrigatório de roldanas, mosquetões e cadeirinha de alpinismo. A velocidade depende do peso do praticante e da tensão e inclinação do cabo. **Turismo fora-de-estrada em bugues**- Os bugues são veículos idealizados para o lazer em praias e dunas, em passeios curtos ou longos. Geralmente, motoristas profissionais, de associações, conduzem passageiros, há os que não são profissionais e, às vezes, sem credenciamentos, fazendo-o de forma irresponsável. As secretarias de turismo de todo o País têm se esforçado no controle de prestadores de serviços, preocupadas com a imagem negativa de acidentes, inclusive com leis específicas, como no caso do Rio Grande do Norte. **Turismo fora-de-estrada com veículos 4x4-**

abrange atividades cujo elemento central são percursos em vias não-convencionais, em veículos automotores, até mesmo em vias convencionais. **Balonismo** - atividade aérea em balão de material antiinflamável, aquecido com gás propano, dependente de piloto. A altura de voo é de 330m, podendo chegar até 16 mil metros. O controle da descida e subida é do balonista (piloto), que controla local de decolagem e pouso com utilização dos ventos. **Pára-quedismo (salto duplo)**- salto duplo (duas pessoas, uma o instrutor, com mais de 1.000 saltos no currículo) de elevadas alturas (avião, helicóptero ou similar) bolsa nas costas com pára-quedas de lona muito leve para aumentar a superfície de contato e diminuir a velocidade da queda livre. **Vôo livre (asa delta e parapente)** - prática em asa delta ou parapente, codificada pela Federação Aeronáutica Internacional – FAI – tem estrutura rígida, manobrada com o deslocamento do peso do corpo do piloto, ou por superfícies aerodinâmicas móveis (asa delta), ou até por ausência de estrutura rígida, cabos e outros dispositivos (parapente). **Bóia-cross** - descida de rios em um minibote inflável, a pessoa senta-se de costas ou apoia-se de bruços, com a cabeça na extremidade frontal da bóia, os pés na parte final da bóia, já praticamente na água. Daí o nome *bóia-cross*. É também conhecida como *acqua-ride*, cavalgada na água. **Canoagem** - atividade em canoas e caiaques, indistintamente, em mar, rio, lago, águas calmas ou agitadas. A canoagem em águas calmas não exige conhecimento prévio, é desfrutável sem treinamento. Para a canoagem em águas brancas, é altamente recomendável bom preparo. No geral, as empresas de capacitação adotam treinamento introdutório e explicações para segurança dos praticantes. **Flutuação**- mergulho superficial em rios de águas calmas e claras, em que se tem contato direto com a natureza, pela observação de rochas, animais e plantas aquáticas. Flutuando com braços abertos, em posição de crucifixo, a pessoa é levada naturalmente pela correnteza e observa a vida através das águas com auxílio de máscaras. **Mergulho**- é utilizado equipamento de respiração autônomo, com objetivos contemplativos e de desenvolvimento pessoal. Ocorre a submersão em águas oceânicas ou interiores (cavernas, lagos, rios etc.) com ou sem aparelho de auxílio. Para o turismo de aventura os mergulhos tem fins recreacionais ou contemplativos. **Rafting**- descida de rios de corredeiras, em botes infláveis, em trechos com obstáculos, que o grupo tenta contornar ou superar. Os praticantes, usualmente entre

seis e oito, remam liderados por um condutor. Todos se unem, com o objetivo de superar os obstáculos naturais do percurso, pedras, corredeiras e quedas d'água. **Windsurfe-** prática em ambientes aquáticos, também denominada prancha a vela, que se serve, basicamente, de técnicas do *surfe* e da vela. Alia o movimento do corpo à força dos ventos para a propulsão da prancha a vela, em represas, lagos, baías, mares e até em piscinas.

### **Riscos e Condições para Aventura Segura**

O turismo de aventura, muitas vezes, é apresentado com indagações como essa “passeio com emoção ou sem emoção”? O que significa dizer: lazer com risco ou sem risco? Com ou sem adrenalina? Sensações associadas ao risco constituem característica fundamental da aventura; negá-lo, na atual configuração, é ignorar que suor, arranhões e emoções fazem parte do passeio. Ouvem-se também frequentemente expressões como: férias seguras, férias sem risco, que remete à preocupação com traumas de passeios turísticos que resultaram em mortes de turistas, por queda de cavalo, acidentes de carro, e outras formas, que remetem a displicência de empresas e responsáveis pela condução do turismo de aventura, e dos próprios turistas. Os fatos despertam necessidade de maior atenção de turistas, e de empresas para maior cuidado, competência e profissionalismo e também dos governos na definição de normas reguladoras dessas práticas, visando à segurança. Entender de quem é a responsabilidade pelos danos, quando se tem o risco como forma de lazer, e sua busca pelo prazer da adrenalina faz-se necessário. Segundo Spink et all (2004: p. 81) risco remete às modalidades de aventura e a usos das antigas modalidades de jogos de vertigens. Mostra o deslocamento moderno do risco para aventura como dimensão positiva da gestão dos riscos.

A definição mais abrangente de risco aventura refere-se a risco radicalismo ou aventura, atividade que traz desafios aos limites físicos ou de habilidades, que se caracteriza como *fateful actives*, eventos simultânea e conseqüentemente problemáticos pelo grau de incerteza dos resultados que geram. A

prática de seguros aplicada a atividade do turismo de Aventura, no Brasil, é processo recente que resulta da instituição de procedimentos visando á crescente racionalidade da fiscalização do controle de operadoras privadas.

No conjunto das atividades em que o risco é parte integrante de serviço prestado, o gerenciamento de riscos é problema no que concerne à partilha de responsabilidades pela segurança. Segundo normas ABNT - NBR 15331, de 2005, o turismo de aventura requer um Sistema de Gestão da Segurança, já que “risco” é a combinação da probabilidade de ocorrência de determinado evento e de suas conseqüências, ou seja, combinação da probabilidade de o fato ocorrer, somado ao efeito provocado.

Do ponto de vista das operadoras de turismo a segurança é garantida pela obediência às normas de funcionamento, nos termos de adesão ao Mtur, e por meio do termo de responsabilidade do usuário. A garantia de segurança repousa nas informações sobre a experiência e treinamento da equipe de monitores, na qualidade dos serviços e na proteção da vida. As atividades de aventura têm o risco aumentado ou diminuído, dependendo dos participantes. É responsabilidade de cada indivíduo evitar desnecessariamente o aumento de pequenos riscos para si mesmo e para os outros. Em muitas circunstâncias, quem incorre nesse erro acrescenta problemas de sobrevivência ao restante do grupo. (FOSTER, 1991, p. 123). Elemento fundamental do termo de responsabilidade é a relação de “boa fé” entre quem oferece o serviço ou produto e quem o compra. A chamada “boa fé” requer que quem oferece explicitamente os riscos e, quem compra declare que tem conhecimento disso e isente o outro de qualquer responsabilidade. A segurança do turismo de aventura está intrinsecamente ligada a intensidade da responsabilidade dos promotores da atividade o que implica profissionalização. Do ponto de vista político, o segmento conquista espaço e firma-se como segmento econômico, mas precisa consolidar a regulamentação/padronização, capacitação, certificação e fiscalização.

Gestão da Segurança, nos últimos anos, é pauta das preocupações de operadores de turismo de aventura, no Brasil. As melhores experiências têm se destacado com normas técnicas específicas de atividades de aventura, base para o

processo de certificação de empresas e de condutores. A certificação conta com respaldo de crédito do INMETRO. Colaborando com a segurança o Mtur criou o Programa Aventura Segura, com participação do SEBRAE Nacional, que tem como foco o fortalecimento, a qualificação e a certificação em 15 destinos brasileiros. A previsão do Mtur é de que 225 empresas nacionais e aproximadamente 1.5 mil profissionais sejam avaliados para a certificação, até o final de 2009. Trata-se de ação inovadora que engloba cursos estratégicos de qualificação presenciais e a distância, assistência técnica e consultoria às empresas e profissionais.

Para organizar este segmento turístico, fortalecer empresas e controlar acidentes, em 2004, em São Paulo, empreendedores de turismo de aventura, com presença especial do Ceará, estado com maior número de associados do segmento, fundaram a Associação Brasileira das Empresas de Turismo de Aventura – ABETA, sem pensar o “Ecoturismo”, incluído em 2007. A associação, entidade privada sem fins lucrativos congrega agências de viagem, operadoras de turismo de aventura, receptivos, empresas de instrução e treinamento, empreendimentos que comercializam atividades pertinentes ao segmento. As normas técnicas da ABNT franquadas e disponíveis no site <http://www.abntnet.com.br/mtur>, fruto de convênio entre o Mtur e a entidade. As informações são úteis aos promotores do turismo de aventura, assim como a outras atividades profissionais de turismo, também contempladas com normas técnicas, garçons, camareiras dentre outras.

### **Os lugares brasileiros prioritários ao turismo de aventura**

Grande parte de atrativos turísticos encontra-se em regiões naturais, fazendas, unidades de conservação, mas, em lugares urbanizados também. Variam segundo especialização, infra-estrutura e grau de profissionalização da oferta e exigência dos turistas. O controle das atividades, na minimização dos impactos ambientais, em alguns casos, deixa o turista frustrado. Os espaços do turismo de aventura apresentam variação de atrativos turísticos, concebidos muitas vezes por prestadores de serviços que desejam oferecer aos clientes ambiente de múltiplas práticas, com limites físicos. A formatação garante a segurança de famílias, por

exemplo, pois não há riscos de pessoas se perderem umas das outras. Além disso, existe infra-estrutura de apoio ao turista, permitindo-lhe liberdade para as atividades, descanso e alimentação. Os lugares eleitos pelo MTur como prioritários (podem e devem ser ampliados) para investimentos em capacitação e promoção para o Turismo de Aventura no Brasil, foram : Serras Gaúchas, Foz do Iguaçu, Grande Florianópolis, Petar Brotas, Rio de Janeiro, Metropolitana, Serra Verde Imperial, Serra do Cipó, Chapada Diamantina, Recife Metropolitan e Agreste, Fortaleza Metropolitana, Lençóis Maranhenses, Manaus, Chapada dos Veadeiros, Bonito e Serra da Bodoquena.

### **O perfil do turista de Aventura.**

Os turistas que buscam aventura viajam sozinhos, altamente especializados, evitam muitas vezes contratação de guia, há os que gostam de ter alguém ao lado para oferecer coordenadas do trajeto em caso de qualquer urgência. Destacam-se pelo companheirismo, solidariedade, paciência, bom humor no convívio com o outro, em situações em que o contato interpessoal acontece por longo tempo, e pode oferecer certo desgaste emocional, em expedições de dificuldade. Quase sempre encontram soluções rápidas para os problemas, são maleáveis e de fácil adaptação às novas realidades, respeitam a individualidade e a privacidade do outro. O turista de aventura gosta de independência, de explorar ambientes e atrativos. Precisa de preparo físico adequado às atividades, boas condições de saúde, além de suporte financeiro para investimentos em equipamentos e acompanhamento especializado. A demanda potencial concentra-se entre pessoas de nível socioeconômico elevado, empresários, autônomos, profissionais liberais ou executivos de médias e grandes empresas, na faixa etária entre 25 e 45 anos de idade, com características aloclítricas, dispostos a suportar níveis elevados de emoção, até mesmo, de risco à segurança.

## Referencias Bibliograficas

ABETA – Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. Disponível em: <<http://www.abeta.com.br>>. Acesso em 14 de outubro de 2008, às 12 horas.

AVENTURA SEGURA. Disponível em: <<http://www.aventurasegura.org.br>>. Acesso em 22 de junho de 2008 às 17h00.

BARROS, Daniel V. Turismo de Aventura: o esporte do *Kittesurf* na Praia do Cumbuco/Ceará. Monografia do Curso de Turismo e Meio Ambiente da UECE. Fortaleza, 1008. 150 p.

BRUHNS, H. T. Esporte e natureza: o aprendizado da experimentação. In: SERRANO, C.M.T. A educação pelas pedras. São Paulo: Chronos, 2000.

\_\_\_\_\_. O corpo visitando a natureza: possibilidades de um diálogo crítico. In:

BUCLEY, R. Ecotourism in Australia. In: World Ecotour Congresso e Exposição. 1997.

DIAS, Reinaldo. Turismo sustentável e meio ambiente. São Paulo: Atlas, 2003.

EMBRATUR. Turismo, estruturação e legislação básica. Disponível em: <<http://www.embratur.gov.br>>. Acesso em 23 fev. 2004.

FUSTER, L. F. Introducción a la teoría y técnica del turismo. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil. Brasília: VB Marketing e Negócios Ltda, 2008.

MINISTÉRIO DO TURISMO – Dados e Fatos. Disponível em: <[http://200.189.169.141/site/br/dados\\_fatos/home/](http://200.189.169.141/site/br/dados_fatos/home/)>. Acesso em 23 de junho de 2008 às 14h23.

PROJETO de Normalização em Turismo de Aventura. Disponível em: <<http://www.turismodeaventura.org.br>>. Acesso em 21 de junho de 2008 às 14h23.

SPINK Mary Jane. et all. Onde está o risco: os seguros no contexto do turismo de aventura. In Psicologia e Sociedade. São Paulo: PUCSP, 2004.

WESTERN, D. Definindo o ecoturismo. In: LINDEBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. (org.). Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão. São Paulo: SENAC, 1993.